

Caderno de
Formação nº 15



A mulher nas diferentes sociedades



Bernardo Mançano Fernandes

SUMÁRIO

Apresentação	págs.
1. A Mulher na Sociedade Primitiva	4
2. A Mulher na Sociedade Escravista	6
3. A Mulher na Sociedade Feudalista	9
4. A Mulher na Sociedade Capitalista	11
5. A Mulher numa Nova Sociedade	14
6. Alguns conceitos básicos que aparecem nos textos	17
7. Avaliação do caderno de formação	19

APRESENTAÇÃO

Sabemos que, cada vez mais, está se dando a incorporação da mulher nos movimentos populares e se constata que sua participação tem sido um fator importante nas conquistas dos trabalhadores.

Sabemos, também, que, por uma série de razões, a mulher tem tido menos oportunidade de se capacitar adequadamente, de tal forma que sua contribuição às lutas seja cada vez mais importante.

Dessa forma, elaboramos esse trabalho, que é um primeiro passo no sentido de despertar sua atenção para questões que interessam à mulher e a toda a classe trabalhadora. Esperamos que os temas aqui apresentados possam ser aprofundados e que contribuam para o nosso enriquecimento como pessoas e como classe trabalhadora.

Esse material deve servir como orientação de estudos nos núcleos de mulheres, nas comunidades, nos assentamentos e, se possível, discutido junto com os companheiros.

Equipe de Mulheres

Secretaria Nacional

Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

A mulher na sociedade primitiva

O problema da condição feminina está na ordem do dia. A todo momento se fala e se discute o papel da mulher na sociedade, na família, no trabalho etc. Em todas essas relações a mulher aparece numa situação de inferioridade em relação aos homens.

Existem muitas teorias que tentam explicar a situação da mulher na sociedade. Muitas delas justificam e vêem como natural a situação de opressão em que ela vive.

Não acreditamos no caráter "natural" dessa opressão da mulher e por isso buscaremos aqui mostrar quando e por que essa discriminação começou.

A evolução da humanidade se divide nos períodos: sociedades primitivas, escravismo, feudalismo, capitalismo e socialismo.

Sociedade primitiva

Quando a humanidade surgiu sobre a terra, pouco se diferenciava dos animais; só se começou a perceber essa diferença a partir do momento em que a espécie humana passa a produzir os seus meios de vida. Diferentemente de outras espécies de animais, o ser humano não sofre passivamente a presença da natureza. Ela a retoma em suas mãos e a transforma, conforme suas necessidades.

Muitos milênios decorreram entre cada evolução do ser hu-

mano. Primeiro eles se organizavam em hordas (bandos), mais tarde se organizavam em clãs (grupos de família) e, posteriormente, a reunião desses clãs formaram as tribos.

Enquanto eles se organizavam em hordas, não moravam em um lugar fixo, eram nômades (andariços) e viviam principalmente de colher e catar frutos e raízes.

Essas hordas primitivas ainda não tinham nenhuma idéia de propriedade; como elas não se fixavam em nenhum território, não possuíam bens materiais, não se preocupavam com a estabilidade nem com o futuro. Desconheciam os mistérios da reprodução humana e, portanto, não se reconheciam na sua descendência e nem reclamavam herdeiros. O trabalho do homem e da mulher era exatamente igual, ainda não havia divisão de trabalho por sexo.

Depois de um certo período, algumas hordas deixaram de ser nômades e se fixaram em um território, tornando-se sedentárias.

Idade da Pedra

No período chamado "Idade da Pedra", quando a terra era comum a todos os membros do clã e as ferramentas eram ainda muito rudimentares, o trabalho agrícola era limitado e sua realização estava na medida das forças femininas, que se dedicavam ao cultivo

de hortas e jardins. É nesse momento da história que aparece pela primeira vez uma incipiente divisão do trabalho. Enquanto o homem caça e pesca, a mulher permanece mais tempo no lar. Contudo, as tarefas domésticas têm um caráter de atividade produtiva, que se constituía na fabricação de vasilhames, tecelagem e horticultura.

“Como a mulher permanecia mais tempo no lar, ela pôde, ao longo de milhares de anos, observar o que acontecia com as sementes e com os restos de alimentos jogados fora.”

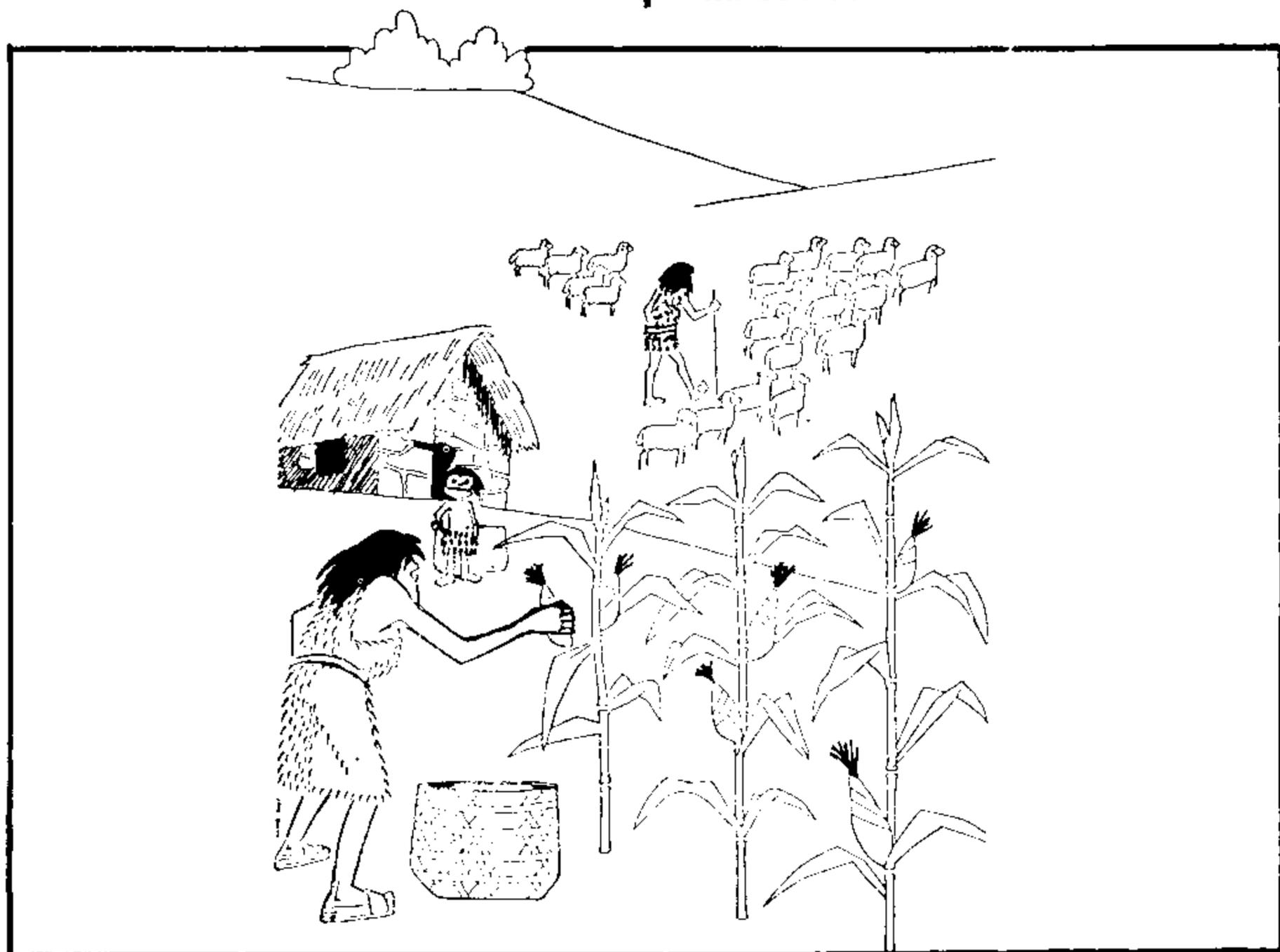
Através de uma longa e permanente observação do que acontecia com as sementes dos frutos jogados fora, a mulher passou a semear e, desse modo, apareceu a

agricultura. Foi a mulher que, ao longo de milhares de anos, desenvolveu a primitiva técnica agrícola. Ela sabia semear e de que forma deveria fazê-lo.

Ao mesmo tempo, ela foi domesticando a galinha, o porco, a vaca, o cavalo, o cachorro e outros animais.

Nas épocas em que escasseavam os frutos e os animais de caça, as tribos se apoiavam na incipiente e primitiva agricultura e criação que a mulher havia desenvolvido. As mulheres sustentavam tribos nas duras épocas de escassez.

Foi a mulher que descobriu a agricultura, descoberta extremamente importante para o desenvolvimento econômico da humanidade. Isto determinou por um longo período, o papel da mulher na sociedade e na economia.



Compreensão do texto:

1. Como vivia a humanidade na sociedade primitiva?

— Como eles trabalhavam e como repartiam os frutos do trabalho?

— Como era a propriedade da terra?

— Como era a situação da mulher nesse período?

2. Hoje, o que significa para nós, mulheres, saber que foram as mulheres que descobriram a agricultura?

A mulher na sociedade escravista

Resumindo o capítulo anterior, nós vimos que as sociedades primitivas tinham uma organização social muito simples; não havia mais que uma divisão natural do trabalho, as ferramentas e instrumentos de trabalho eram muito rudimentares e a agricultura se limitava à horticultura e jardinagem.

O homem era encarregado das atividades de caça e de guerra e, por isso, desenvolvia bem mais sua musculatura e sua força física. A mulher permanecia mais tempo no lar em função de sucessivas gestações, o que diminuía consideravelmente sua força física.

Sociedade Escravista

Com a descoberta do cobre, do

ferro, do bronze etc., a humanidade dá um salto para a frente. Esses metais vão favorecer a invenção de novas ferramentas. Com a invenção da charrua (tipo primitivo de arado), a agricultura toma um novo impulso, escapa dos limites dos quintais e se estende por áreas bem maiores; nesse momento ela escapa do controle da mulher.

Ao se estender por maiores áreas, ela passa a exigir um trabalho mais intenso e uma maior necessidade de força física, para desmatar florestas, manusear as pesadas ferramentas etc.

O homem recorre então ao trabalho de outros homens, os quais são transformados em escravos.

Como o trabalho do escravo é mais eficiente que o trabalho da mulher, esta perde o prestígio que possuía anteriormente nas tribos.

É certo que se a descoberta de novos metais, a fabricação e utilização de ferramentas pesadas modificou o equilíbrio das forças produtoras, a inferioridade física da mulher foi um fator de exclusão de sua participação no processo produtivo. Mas, essa inferioridade física, por si só, não é suficiente para explicar a opressão que suportou.

O fato é que a mulher permaneceu escravizada à sua função reprodutora e não soube resgatar essa função como algo socialmente necessário ao grupo. E, além disso, enquanto permaneceu escrava de sua função reprodutora, ela deixou de participar dos trabalhos "produtivos" do grupo. Como ela não partilhava do mesmo modo de pensar do homem, não exercia as mesmas atividades que ele, o homem deixou de ver na mulher um semelhante.

Com a expansão da agricultura surge a **propriedade privada**. O homem se torna proprietário de terras e de escravos e se apropria também da mulher. Ele quer que o trabalho familiar em proveito de seus campos seja **totalmente seu** e, para isso, é preciso que os trabalhadores lhe pertençam: escraviza a mulher e os filhos. É interessante observar que "família" é uma palavra derivada do latim "famulus", que significa escravo doméstico e família vem a ser o conjunto de escravos pertencentes ao mesmo homem.

Com o surgimento da propriedade privada grandes modificações se produziram. Aparece o trabalho escravo e a primeira divisão de classes, entre **senhores e escravos**. A mulher sofre sua grande derrota, deixa de ser um semelhante do homem e, desse momento até nossos dias, o destino da mulher sempre esteve vinculado ao modo como se estabelece a propriedade.

Isto porque, com a propriedade privada surge a **herança** e o modo como se define, no grupo, a transmissão da propriedade, dos bens materiais, a condição de herdeiro; define-se também a condição da mulher na sociedade. Isto nos mostra que a opressão da mulher tem sua causa na necessidade de perpetuar a família e manter inteiro o patrimônio.

Este modo de produção escravista perdurou por muitos anos e, durante esse período, ocorreram várias etapas de evolução. Com a propriedade privada surgiu o trabalho escravo e a divisão social do trabalho. Com melhores ferramentas e trabalho escravo surgiu o excedente de produção, ou seja, as tribos passaram a produzir mais do que necessitavam para sua manutenção. O excedente produzido pelas tribos levou a troca de produtos entre as tribos.

A agricultura se desenvolveu e se separou do artesanato. Com isso surgiu mais uma divisão entre o trabalho agrícola e o trabalho artesanal. As tribos cresciam e se uniam, dando surgimento às cidades. Aparece, também, a divisão entre o campo e a cidade. Surge o



comércio, que é a primeira atividade econômica que não está vinculada à produção.

O regime escravista chegou enfim a seu ponto de saturação e já não respondia mais às necessidades da sociedade naquele mo-

mento; foi então derrubado e substituído por uma nova ordem econômica, que é o que acontece quando um modo de produção já não convém: ele é derrubado e substituído por um que seja mais evoluído, que atenda mais aos anseios daquela sociedade.

Compreensão do texto:

1. Como estava organizada a sociedade no período escravista?

— Como eles trabalhavam e como repartiam os frutos do trabalho?

— Que mudanças houveram nas propriedades da terra?

— Como era a situação da mulher nesse período?

2. Quais foram as grandes descobertas dessa época e que importância tiveram?

3. Nesse período da história surgiu a propriedade privada. O que isso significou para a mulher?

A mulher na sociedade feudalista

Prosseguindo a série de estudos sobre os **Modos de Produção** e as relações sociais que eles estabelecem, trataremos agora do **Modo de Produção Feudal**, que foi a forma de organização que substituiu o escravismo, a partir de 476 D.C. a 1.750 D.C. (DC = depois de Cristo).

Recordemos que durante o **Modo de Produção Escravista** é que surgiu a propriedade privada e, com ela, a requisição do trabalho escravo e, conseqüentemente, a divisão da sociedade em classes (senhores e escravos).

Fim do Escravismo

Mas, como toda sociedade baseada na divisão de classes, existe sempre o conflito, porque a classe dominante quer manter seus privilégios e aumentar sempre os seus bens, isso, às custas do trabalho da classe dominada. Esta, por sua vez, luta sempre para se livrar da opressão e da exploração a que está submetida.

E isso aconteceu durante todo o escravismo. Os escravos revoltavam-se, resistiam. Isso durou séculos.

Finalmente, o escravismo já se tornava um atraso; as forças produtivas não se desenvolviam. Não havia avanços nem progresso. O modo de produção escravista esgotou as possibilidades de atender a classe dominante.

Então, procurou-se uma nova forma de organização, surgindo o Feudalismo.

Feudalismo

No Feudalismo, os senhores proprietários de latifúndios entregavam lotes (feudos) de suas terras para que os camponeses as cultivassem: parte da produ-

ção pertencia ao camponês e o restante era do senhor feudal. Além disso, o servo (o camponês dos feudos) era obrigado a fazer a limpeza e a manutenção do castelo, das estradas e pontes. Em época de guerra, tinha de compor o exército que ia defender o seu senhor.

O camponês daquela época não tinha a propriedade da terra. Tinha uma parceria desigual com o proprietário. Cultivava a terra e lhe devolvia a maior parte da produção, além de pagar impostos, zelar por sua propriedade e defendê-la na guerra contra outros senhores feudais.

O servo se sentia estimulado a trabalhar porque, de todo modo, uma parte da produção ficava para ele. Geralmente eles eram auto-suficientes, produzindo tudo o que necessitavam: alimento, roupas, ferramentas —, etc. Poucas coisas precisavam trocar nos mercados das cidades.

Durante a vigência desse modo de produção, a situação da mulher continua ligada à propriedade. Nos lugares ou nos períodos em que ordem é garantida pela força e a propriedade defendida pelas armas, a mulher não tem valor. É considerada incapaz de lutar para defender sua propriedade.

A sucessão

Quando a propriedade passa a ser transmitida por herança, por sucessão, a mulher pode ser herdeira, mas seus bens são administrados por um tutor e, quando casa, é transferida a responsabilidade para o marido.

Se é esposa de um proprietário, torna-se mero instrumento de transmissão da



propriedade, com a função de gerar herdeiros. Se é agricultora, sua função é gerar filhos, que serão braços para produzir e defender as terras do senhor.

Para a mulher pobre, apesar do excessivo trabalho a que estava submetida, a relação com o seu companheiro chegou a níveis de maior igualdade, porque eles eram praticamente despojados de bens, não tinham propriedades a proteger.

Quanto à mulher rica, pagava os seus privilégios com a discriminação, com a subordinação. Não tinha nenhuma participação nas decisões. Devia casar com os homens que fossem escolhidos para elas e, especialmente, para que esse casamento significasse um aumento nas propriedades.

Podemos perceber então que a dominação da mulher não está vinculada à questão sexual, mas sim à questão econômica.

Por que a mulher pobre continua discriminada? Porque dominação não é uma coisa simples, a nível de homem-mulher ela está vinculada a uma situação maior e mais abrangente.

A mulher pobre é reprodutora da

força de trabalho. A mulher escrava multiplica os escravos para os donos. A camponesa feudal gerava muitos mais servos para o senhor. Assim como a mulher proletária gera os operários que produzirão as riquezas do capitalista. Desse modo, esse corpo tem um enorme potencial de poder e de riqueza e, por isso, deve ser controlado pelas classes dominantes. Portanto, a mulher precisava ser dominada e excluída de todas as decisões.

Mas o modo de produção feudal e, como de resto, todo modo de produção que se baseia na exploração de uma classe sobre a outra, também esgotou a capacidade de manter-se, pois existe um limite até físico para a exploração.

Os senhores feudais extorquiam tanto os servos, que esses eram obrigados a vender os bens, os animais, as ferramentas, chegando ao ponto que só lhes restava o corpo e a capacidade de trabalho. Mas mesmo isso também tiveram de vender nas cidades e, assim, nasceram os operários, assunto para o próximo número.

Compreensão do texto:

1. Como estavam organizadas as sociedades durante o feudalismo?

— Como eles trabalhavam e como repartiam os frutos do trabalho?

— Como era a propriedade da terra?

— Como era a situação da mulher nesse período?

2. Você vê alguma relação entre os servos no tempo do feudalismo e os trabalhadores sem terra de hoje?

3. Você vê alguma semelhança entre a situação que viviam as mulheres no feudalismo e como elas vivem hoje? Quais?

A mulher na sociedade capitalista

Vimos no capítulo anterior que o modo de produção feudal já estava esgotado. Os servos excessivamente explorados pelos senhores feudais já haviam perdido suas terras, suas casas, animais e ferramentas. A única alternativa que lhes restava era oferecer sua força de trabalho nas cidades. A burguesia, classe que estava em ascensão e que era formada, principalmente, por comerciantes ricos também não estava contente com a nobreza, que detinha o poder político mas era ociosa e parasita. E a burguesia reivindicava o poder para si. Levantou uma bandeira de "Liberdade, Fraternidade e Igualdade", conseguiu o apoio das massas empobrecidas e exploradas e derrubou o poder dos nobres.

Entretanto, após assentada a poeira

das convulsões sociais, a burguesia se apropriou sozinha do poder e as bandeiras de "Igualdade, Fraternidade" já não tinham importância. O povo continuou sendo oprimido, explorado, dominado. Não soube garantir seu espaço conquistado.

Com a ascensão da burguesia ao poder, a sociedade se organiza de outra forma. O poder dos grandes feudos, dos títulos de nobreza é substituído pelo poder do CAPITAL. É o dinheiro se multiplicando. A palavra de ordem é o lucro.

Para o povo, que foi traído pela burguesia, sua situação não mudou em nada. Se antes eram explorados pelos senhores feudais, agora eram explorados pelos capitalistas. Antes eram servos, agora proletários.



A situação da mulher no capitalismo não muda muito, ela continua atrelada aos destinos da propriedade privada: esposa, ela garante os filhos legítimos que vão herdar a propriedade; se é herdeira, garante o aumento do capital do marido. Quanto à mulher proletária, vai garantir o contingente de operários que o capitalista vai dispor para aumentar seu capital.

O sistema capitalista, sendo basicamente um sistema concentrador de riquezas, cria dois grupos antagônicos na sociedade e essa divisão se reflete também na situação da mulher. Elas serão animal de luxo ou animal de carga.

As mulheres burguesas são apenas reflexos dos seus maridos. Não têm vida própria. São modificadas e adequadas conforme a necessidade de seus donos.

As mulheres pobres, operárias e camponesas, que têm que tirar sua sobrevivência de seu trabalho, são verdadeiros animais de carga. Trabalham fora de casa e ainda têm sob sua responsabilidade todas as tarefas domésticas.

Quando o modo de produção capitalista passou a industrializar as tarefas domésticas — fabricação de roupas, de alimentos etc. - as mulheres tiveram que concorrer massivamente ao mercado de trabalho. O trabalho que faziam antes e que era sua fonte de renda (costuras, bordados) passaram a ser feitos pelas máquinas e às mulheres só restou a alternativa de oferecerem sua força de trabalho nas fábricas. Isso fez com que elas tivessem que “competir” com os homens e para ganhar essa “competição” tiveram que vender sua mão de obra mais

barata.

E foi dessa forma que os operários entenderam a participação das mulheres no mercado de trabalho — como concorrentes — e essa forma equivocada de perceber o trabalho da mulher fez com que o proletário nunca se aliasse à causa feminina.

Mas, se para o operário o trabalho da mulher era um problema, para o capitalista foi um grande achado. Se, por um lado, os salários mais baixos garantiam um custo menor para seus produtos, por outro lado, mantinham os operários sob controle, atemorizados com a possibilidade de serem substituídos, de perderem seus empregos para as operárias.

Para pagar um salário mais baixo, os capitalistas argumentavam que o salário da mulher não era para sustentar a família, que representava apenas um complemento da renda familiar e todos sabemos que isso não é verdade pois, em muitos casos, o salário da mulher é a única renda que a família dispõe, além do que, salário mais baixo fere o princípio de que “para trabalho igual, salário igual”.

Mas, à medida que as mulheres vão se incorporando ao mercado de trabalho, vão encontrando uma série de barreiras e problemas, que em princípio são assumidos como problemas individuais, como por exemplo: com quem deixar os filhos nas horas de trabalho; como cuidar da limpeza e manutenção da casa —, etc., que são tarefas que continuam sendo atribuídas exclusivamente a elas. Mas, aos poucos, a mulher vai percebendo que isso são problemas sociais e que cabe à sociedade resolvê-los.

A luz no fim do túnel

Vimos que, em todos os modos de produção que as sociedades conheceram e que estavam baseados na propriedade privada dos meios de produção, no antagonismo de classes, a mulher sempre foi objeto e veículos de poder. Nunca foi res-

peitada como pessoa, como se integral, semelhante ao homem. “De maneira geral, no seio da sociedade, ela aparece como o ser mais oprimido, mais humilhado, mais explorado. Ela é explorada até pelo explorado, batida pelo homem rasgado pela palmatória, humilhada pelo homem esmagado pela bota do patrão”.

Gostaríamos de destacar aqui que o funcionamento do esquema dominante não é uma coisa mecânica. Além de todo aparato que a classe dominante dispõe (Exército, instituições, etc.), existe a criação de toda uma ideologia, mecanismos de pensamentos que são propagados com o objetivo de manter a classe dominada alienada. Criam-se preconceitos, superstições, mitos. A mulher, mais do que qualquer outro elemento da classe dominada, sofreu esse tipo de domínio ideológico, mergulhada no mais brutal obscurantismo e ignorância que a tornava incapaz de pensar sequer em sua própria realidade e encontrar suas soluções.

Mas, aos poucos a mulher vem adquirindo consciência de si mesma como pessoa e em suas reivindicações questiona e luta pelos seus direitos ficando para todas, cada vez mais claro, que a verdadeira libertação da mulher só vai se dar com a libertação da sociedade como um todo. A luta pela emancipação da mulher deve vir junto com a luta por uma nova sociedade. Mas, a mulher terá que **CONQUISTAR** esse seu espaço e terá que garanti-lo. Nada lhe será dado de graça.

Samora Machel, líder da Revolução Moçambicana e ex-presidente da República Popular de Moçambique, expressou-se assim sobre a necessidade de libertação das mulheres:

“A libertação da mulher é uma necessidade fundamental da Revolução, uma garantia de sua continuidade, uma condição de seu triunfo”.

Compreensão do texto:

1. Como está organizada a sociedade dentro do Modo de Produção Capitalista?

— Como está organizada a propriedade da terra e dos outros meios de produção?

— Como é repartido o fruto do trabalho?

2. Na sua vida de mulher, que tipos de exploração você percebe na família, no trabalho, na comunidade?

3. O que há em comum na vida da mulher trabalhadora da roça e da mulher trabalhadora da cidade?

A mulher numa nova sociedade



Durante os capítulos anteriores ficamos conhecendo os diversos modos de produção que a humanidade conheceu. Ficamos conhecendo também, como o Modo de Produção vigente num dado momento, determina a maneira como as sociedades se organizam, como estruturam as suas relações sociais.

De todos os Modos de Produção que estudamos, vimos que cada um deles tem suas especificidades; aconteceram em determinado momento, sob determinada forma, cada um deles têm suas particularidades na forma de se organizar. No entanto, há um elemento que permaneceu imutável e que é comum a todos eles: **A DIVISÃO DA SOCIEDADE EM CLASSES SOCIAIS. A DOMINAÇÃO DE UMA CLASSE POR OUTRA CLASSE.**

Então pudemos constatar que houve uma época em que existiram senhores e escravos; soberanos e vassallos, e que ainda existe, em grande número de sociedades: burgueses e proletários. Esses últimos são os elementos integrantes de uma sociedade dominada pelo modo de produção capitalista.

As leis que regem o funcionamento do capitalismo estão baseadas na possibilidade de conseguir lucros cada vez mais e maiores e, para isso, é preciso se apropriar cada vez mais e mais intensamente da força de trabalho do operário. Alguém já comparou o capitalismo a um vampiro que, para sobreviver, deve sugar o sangue da sua vítima até a sua destruição.

No entanto, isso gera contradi-

ções: o capitalismo precisa do operário para se apropriar de seu trabalho e, ao mesmo tempo, o destrói pela excessiva exploração. E o trabalhador como é que reage?

Essa exploração vai chegando a um grau de agudeza tão grande que, para o trabalhador, para o proletário, a luta contra o capitalismo toma forma de uma luta pela sobrevivência. E aqui, chegamos a um ponto fundamental. Com a exacerbação da exploração capitalista sentindo-se ameaçados até em sua sobrevivência, porque de resto já foi despojado de tudo, nada mais tendo a perder, porque já lhe tiraram tudo, os trabalhadores — classe dominada — necessariamente vão lutar para se preservar e, para isso, devem derrubar a ordem social vigente, o modo como esta sociedade está organizada, porque essa sociedade é injusta e não atende aos anseios e às necessidades da grande maioria de seus elementos.

A saída, então, é lutar para a implantação de uma nova ordem social que organize essa sociedade de uma maneira nova, diferente da anterior onde cada pessoa tenha assegurados os seus direitos de cidadania, onde todos tenham assegurada a satisfação de suas necessidades básicas de educação, moradia, trabalho, saúde e lazer. Onde sua dignidade como pessoa seja resgatada. Onde o interesse comum prevaleça sobre o interesse individual; onde o produto do trabalho seja revertido para o bem de todos. Onde a discriminação de qualquer espécie

seja abolida, seja ela de cor, de idade, de categoria profissional ou de sexo. Todos sejam igualmente cidadãos.

E de que modo isso pode ser conseguido?

Já sabemos de experiência própria que a classe dominante —, não vai abrir mão de seu poder, de seus privilégios, da riqueza apropriada indevidamente e simplesmente reparti-los entre todos. Não existe pregação humanista que consiga este milagre.

Daí que, para os trabalhadores, a única possibilidade que eles dispõem para viabilizar sua existência com dignidade, com igualdade e justiça, é a luta revolucionária para a implantação de uma sociedade socialista; essa deve ser a aspiração máxima de todo trabalhador e o único modo de redimir sua condição de oprimido.

Uma sociedade socialista significa uma sociedade onde o interesse social é mais importante que o interesse individual; onde as desigualdades são suprimidas. Mas, para se chegar a esse estágio de luta revolucionária, é necessário que a classe trabalhadora desperte para sua realidade e desenvolva um intenso e permanente trabalho de conscientização, politização e organização. — É preciso tomar em suas mãos as rédeas da história e comandar o seu destino.

E quanto à situação das mulheres na sociedade socialista?

É ponto de honra em todo projeto de sociedade socialista, a igualdade de todos os cidadãos, e a mulher também é cidadã.

No entanto, é preciso ficar bem claro que a mulher não espere sua

emancipação automática no socialismo. Ao longo de toda história a mulher da classe dominada foi vítima de uma dupla exploração — uma opressão de classe e uma opressão de gênero — oprimida por ser proletária; oprimida por ser mulher. Durante todo esse tempo, viveu afundada no mais profundo obscurantismo, vítima de preconceitos, preconceitos esses compartilhados, inclusive, por seus companheiros. Desse modo, cabe à mulher, lutar em duas frentes: por sua classe, lutar porque é oprimida como classe e lutar porque é oprimida enquanto sexo. Essa não é uma luta que divide forças como alguns oportunisticamente tentam alegar; é uma luta que junta forças porque, nessa luta, nessa busca de libertação, vai surgir uma mulher nova, inteira, integralmente capaz de gerir a sua vida e partilhar igualitariamente da construção dessa sociedade nova que se almeja.

Portanto, é preciso ressaltar que a luta como trabalhadora é apenas uma faceta da luta das mulheres. É certo que, somente numa sociedade socialista, a mulher poderá empreender a sua verdadeira emancipação; no entanto, é preciso ter claro, que não é preciso esperar a vitória do socialismo para lutar por essa libertação; esse caminho deve começar a ser trilhado já, ela tem que começar a forjar a sua libertação agora, a partir de agora ela tem a responsabilidade histórica de conquistar e garantir espaços, de assegurar seu direito de ser um cidadão integral, uma pessoa inteira e completa como seus companhei-

ros e não uma sub-espécie da humanidade, convocada a lutar num determinado momento e descar-

tada posteriormente, quando alguns já não consideram necessária sua participação.

Compreensão do texto:

1. Depois de feito esse estudo, você acha importante as mulheres se organizarem? Por que?

— Como deve ser essa organização das mulheres para garantir essa participação desde já, na conquista dessa nova sociedade?

— O que é que você entende como: participar da luta como classe trabalhadora e participar da luta como mulher?

ALGUNS CONCEITOS BÁSICOS:

Relações de Produção: são as relações originadas do processo de formação da produção social e da distribuição dos bens materiais. As **relações de produção** se baseiam nas **relações de propriedade** sobre os meios de produção. Se a propriedade é social — os membros da sociedade são iguais com respeito aos meios de produção e em seu trabalho imperam as relações de colaboração e ajuda mútua.

Se a propriedade é privada, inevitavelmente, se estabelecem entre

os indivíduos relações de domínio e subordinação. Quem possui instrumentos e meios de produção pode subordinar economicamente a quem não possui meios de produção.

As relações de produção determinam o caráter de todas as demais relações, sejam elas sociais, jurídicas ou políticas.

Capitalismo: modo de produção baseado na propriedade privada dos meios de produção e na ex-

<p>ploração do trabalho assalariado.</p>	<p>cravista, tem sido a história da luta de classes. A luta de classes é a força motriz do desenvolvimento de toda sociedade dividida em classes antagônicas.</p> <p>Na sociedade capitalista, a luta de classes conduzirá necessariamente à tomada de poder pelo proletariado e à eliminação da propriedade privada sobre os meios de produção.</p>
<p>Proletariado: é uma das classes fundamentais da sociedade capitalista. É o conjunto da classe trabalhadora que não é proprietária dos meios de produção e se vê obrigada a vender sua força de trabalho para conseguir os meios de subsistência.</p>	<p>Feudalismo: formação econômico-social que substituiu o modo de produção escravista. As relações de produção dominantes durante o Feudalismo eram a propriedade do senhor feudal sobre os meios de produção (fundamentalmente a terra) e a propriedade parcial sobre o trabalhador.</p>
<p>Propriedade: é a apropriação dos bens materiais. Através da propriedade se expressam as relações entre os homens no processo de produção social. Na história da sociedade se deu duas formas de propriedade: a social e a privada.</p> <p>Propriedade social: nas sociedades primitivas e no socialismo.</p> <p>Propriedade privada: no escravismo, feudalismo e capitalismo.</p>	<p>Socialismo: regime social que surge como resultado da eliminação do modo de produção capitalista. Baseia-se na propriedade social sobre os meios de produção e se apresenta sob duas formas: estatal (de todo o povo) e cooperativa.</p>
<p>Modo de produção: é a maneira pela qual os homens se organizam para obter os meios necessários para sua subsistência e desenvolvimento.</p>	<p>A propriedade social determina a inexistência de classes exploradas e exploradoras. As relações sociais são de colaboração e ajuda mútua.</p>
<p>Luta de classes: luta entre classes cujos interesses são incompatíveis ou são contraditórios. A história de toda a sociedade, a partir da es-</p>	

AVALIAÇÃO DO CADERNO DE FORMAÇÃO

Leia essas perguntas, responda-as e devolva-nos. Sua opinião é muito importante e contribuirá para o enriquecimento de nosso trabalho.

- 1. O que você achou deste caderno?**
- 2. Como foi feito esse estudo? Você discutiu o assunto com seus companheiros?**
- 3. Que outros temas você gostaria que fossem abordados?**
() saúde () educação () sindicalismo () outros —:
- 4. Você gostaria de contribuir na elaboração desses cadernos? De que forma?**

Após o preenchimento, este questionário deve ser remetido à Secretaria Nacional do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, A/C da Equipe de Mulheres.

Endereço:

Rua Ministro Godoi, 1484 — Perdizes 05015 - São Paulo - SP

PEDIDO DE MAIS EXEMPLARES: dirigir-se à Secretaria Nacional.

ARQUIVO SEM TERRA



CX 26
D. 10
MST